

Reis de Boi: por uma interpretação da cultura

Gisele Lourençato Faleiros da Rocha¹

José Roberto Gonçalves de Abreu²

Resumo

O presente estudo busca dialogar com as produções imagéticas dos grupos folclóricos Reis de Boi, presentes na cidade de São Mateus-ES. O registro imagético associado à prática etnográfica constitui uma integração entre o pesquisador e o objeto pesquisado permitindo uma aproximação do “*ponto de vista do outro*”, considerando o que os membros de um grupo cultural pensam sobre eles. Através da pesquisa de campo, registramos visualmente e verbalmente as narrativas, danças, musicalidades e plasticidades apresentadas pelos folcloristas. Identificamos que o contexto gerador de uma imagem e seus agentes produtores encontram-se inseridos em uma coletividade e expressam uma variedade de significados e padrões codificados culturalmente.

Palavras-chave: reis de boi, cultura, folclore, imagem

Olhares sobre a cidade de São Mateus

A história de um povo está impressa na sua cultura, incorporando suas raízes, mitos, lendas, religiosidades, evolução técnica e científica. Muitos desses aspectos vão se dissolvendo com o passar do tempo, em função de interferências da modernidade e fenômenos da globalização. Até certo ponto, essas mudanças podem ser vistas de forma positiva, na medida em que oferecem novos rumos para as culturas, permitindo a sua existência.

Além da Igreja Velha e do sítio histórico (fig. 1 e 2) outros patrimônios arquitetônicos preservam a história e cultura local como: o Museu de São Mateus ³, o Museu de Imagem e

¹ Formada em Educação Artística (Licenciatura) e Artes Plásticas (Bacharelado) pela UFU. Especialista em Educação e Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Professora da Faculdade São Mateus (UNIVC), nos Cursos de Pedagogia, Turismo e Comunicação Social. Integrante do GEPAE (Grupo de Arte Educadores do Espírito Santo), Grupo de Pesquisa em Imagem e Cultura (PPGA-EBA/UFRJ) e Identidade das práticas corporais (CESPCEO-UFES). E-mail: gi.lorenzato@gmail.com

² Possui Graduação (1996), Especialização (1999) e Mestrado (2009) em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. É Professor da Coordenadoria de Formação Geral do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES, campus São Mateus. É coordenador e professor do Curso de Pedagogia da Faculdade São Mateus (UNIVC). Integrante do grupo de Pesquisa Identidade das Práticas Corporais (CESPCEO-UFES) e Coordenador do Projeto de Extensão Educação, Cultura e Corporeidade. E-mail: abreufisio@gmail.com

³ Construído em 1764 para abrigar a sede do Conselho Municipal – Casa de Câmara e Cadeia. Em 1999 o prédio foi restaurado para abrigar o Museu de São Mateus, inaugurado em fevereiro de 2001. Nele encontram-se preservados: ferramentas, utensílios, peças de escravidão, ossadas indígenas, urnas funerárias de cerâmica Tupi e Aratu, móveis, louças e quadros.

Som ⁴, o Museu Diocesano de Arte Sacra, a Casa da Estrada de Ferro, a Biquinha, a Praça do Mirante, o Mercado Municipal, entre outros.



FIGURA 1



FIGURA 2

A identidade cultural mateense é marcada pela herança cultural de seus antepassados: indígenas, africanos e europeus, o que caracteriza a riqueza artística, histórica e cultural norte capixaba. A criação da Vila de São Mateus é datada de 3 de abril de 1848, local inicialmente habitado por indígenas e posteriormente por negros e portugueses. O maior contingente de negros chegou no município no início do século XIX, tendo o último carregamento clandestino ocorrido em 1856. Entretanto, com o fim da escravidão a região também recebeu imigrantes italianos, os quais se dedicaram a cultura do café.

A população mateense formou-se então pela mediação de diferentes grupos culturais, o que configura na atualidade a forte presença da população mestiça na identidade cultural regional, formada principalmente pela miscigenação do branco com o índio e com o mulato. Diferentes tradições foram herdadas desses povos: o hábito de tomar banho nos rios, o intenso uso da mandioca na culinária, as práticas de caça e pesca, o consumo de frutos nativos, o artesanato, as expressões linguísticas, as festividades, ou seja, um imenso patrimônio material e imaterial.

Assim, a cidade de São Mateus possui em sua rica tradição cultural elementos da cultura material e imaterial capixaba que se preservam através em seu patrimônio arquitetônico, artístico e festivo. A paisagem regional é convidativa e exuberante, o que atrai pessoas de diferentes regiões, especialmente dos Estados: Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O cenário urbano da cidade integra tradição e modernidade, no qual de um lado encontramos ruínas como a igreja velha, casarões e igrejas do período colonial presentes no

⁴ Inaugurado em fevereiro de 2002, onde se encontram expostos instrumentos musicais e fotografias da história e cultura do município, no entanto atualmente encontra-se fechado.

sítio histórico do município e em outros locais da cidade como praças, semáforos e construções recentes, nas quais evidenciamos a contemporaneidade da vida urbana.

A rica cultura imaterial regional é simbolizada tanto por grupos de sólida tradição étnico-religiosa nas manifestações de Jongo, da Capoeira e dos Reis de Boi, como por grupos modernos de dança de rua, de teatro, músicos e artistas plásticos.

Nas representações festivas da cidade de São Mateus, especificamente dos grupos folclóricos de Reis de Boi, procuramos respostas para entender os significados relacionados à festividade, religiosidade e expressão artístico-cultural. Entre nossas indagações procuramos entender qual a origem e como são elaboradas as narrativas dos Reis de Boi, que sentidos possuem essas tradições para os integrantes dos grupos, que significados são projetados nas encenações dos folcloristas, que aspectos podem ser descritos na visualidade das imagens que representam o grupo de Reis de Boi, qual a importância dessas festividades para a cultura regional?

Moradores do município convivem anualmente com as apresentações desses grupos de homens que se vestem de Reis e entre os meses de janeiro e fevereiro, visitam residências da cidade, revivem a simbologia dos Reis Magos, contam narrativas dos bois, preservam uma identidade cultural e um passado histórico a partir do qual reafirmam mitos, lendas, hábitos da vida cotidiana e cultura mateense. Um aspecto que gostaríamos de ressaltar acerca deste objeto de pesquisa é a importância de registrar, documentar e preservar a tradição e identidade folclórica destes grupos, visto que os processos de globalização e forças econômicas muito estão interferindo nas identidades culturais, valorização e manutenção de manifestações festivas (HALL, 2006).

Assim, a pesquisa de campo constituiu-se um eixo metodológico norteador, como uma possibilidade de registrar visualmente, vivenciar a pesquisa e resgatar dentro da comunidade mateense as diferentes conexões existentes entre o passado cultural da região e a diversidade de traços e informações culturais e artísticas transmitidas coletivamente pelos folcloristas. Aqui estabelecemos um encontro entre arte e antropologia, no qual ambas emergem de um sistema cultural de uma comunidade indicando a existência de uma sensibilidade coletiva. Esta dimensão estética se expressa na vida dos indivíduos manifestando componentes simbólicos e expressivos, sendo estes inseparáveis da realidade vivida (GEERTZ, 1997).

Em busca de imagens

Na atualidade uma ciência da imagem cada vez mais se aprimora em campos como: a arte, a educação, a comunicação, a publicidade, a filosofia, a antropologia, a sociologia, semiótica que exploram seus diferentes eixos investigativos. Imagens desses grupos presentes em nossa cultura revelam diferentes significados, expressos em múltiplas linguagens e sistemas de signos que entrelaçados aos contextos históricos e sociais integram práticas sociais a uma coletividade.

O sentido que resgatamos para o uso da imagem fundamenta-se em uma abordagem antropológica, na sua capacidade de traduzir o que somos, nossas práticas, o que fazemos e como fazemos. Seu emprego constitui uma fonte documental primária, uma vez que nossas imagens possuem o mesmo nível de importância que os outros documentos de pesquisa encontrados em campo.

Em nosso estudo, o uso da imagem valoriza a riqueza visual dos Reis de Boi e considera que a visualidade das festividades encontra-se conectada a tradição oral e memórias dos grupos estudados. Entendemos que por meio dessas diferentes representações em nossa sociedade podemos reconhecer nossas identidades, as quais se encontram ancoradas na história, na linguagem, na arte, na cultura e refletem diferentes projeções de sujeito (NOVAES, 1998, p.109). Ao mesmo tempo assumimos que as “imagens não são nem um reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas ocupam uma variedade de posições entre estes extremos”. Elas também são plurais e mantenedoras de estereótipos e transformações pelas quais “os indivíduos ou grupos vêm o mundo social, incluindo o mundo da imaginação” (BURKE, 2004).

Nessas imagens encontramos “sistemas semióticos” que ligados à cultura manifestam-se nas práticas artísticas e festivas dos Reis de Boi, ao mesmo tempo revelam uma sensibilidade estética que participa da totalidade da vida dos folcloristas. Nesse contexto, consideramos que a realidade social e a cultura de um povo abrangem “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos” os quais são projetados em imagens e compõem “um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 2008, p.66).

No cotidiano festivo do grupo dos Reis de Boi evidenciamos uma intensa interação de suas encenações com a população da cidade de São Mateus. A cada ano, nos meses de janeiro e fevereiro diferentes lares mateenses são contemplados com a visita dos Reis de Boi, fortalecendo o sentido simbólico da passagem dos Reis Magos.

Em pesquisa de campo, antes e depois das apresentações folclóricas foi possível dialogar com familiares e representantes dos grupos de Reis. Em um desses momentos conhecemos o Sr. Zeca (fig.1), dono do Reis dos Laudêncios e seu sobrinho Rafael, um rapaz ainda muito jovem, que relatou participar do grupo desde os 10 anos de idade (fig.2). Neste relato podemos compreender a existência de uma liderança dentro do grupo e como a iniciação dos participantes começa desde ainda na infância. Rafael também revelou que a cada ano o grupo prepara uma nova marchinha, a qual será repetida em toda temporada de apresentações. Ele também relatou que em alguns momentos os folcloristas representam os Reis de Boi, em outros tocam e brincam o Jongo.



FIGURA 1



FIGURA 2

Um aspecto interessante é a existência de uma mobilidade dos folcloristas dentro das manifestações folclóricas mateenses: Reis de Boi ou Jongo, o que sinaliza a presença de práticas culturais híbridas (BURKE, 2003, p.28), num sentido de mistura ou mescla de grupos coletivos nas tradições culturais ou até como sendo “um diálogo dos praticantes do jongo com outras formas de expressão recorrentes nas localidades estudadas: Festas de Santo, a Umbanda, os Ternos dos Santos Reis, as Marujadas e os Bumba-bois”⁵.

⁵ Maiores informações consultar: Dossiê do Jongo do Sudeste, parecer nº001/GI/DPI/Iphan e processo nº 0150.005763/2004-43. Brasília: IPHAN, 2005 p.5

Nesses encontros com os folcloristas foi possível conversar com o Sr. Paixão e o Sr. Mateus, ambos integrantes dos grupos de reis dos Laudêncios. Juntos eles sempre carregam os Reis Magos durante a procissão religiosa que tradicionalmente acontece em São Mateus, no bairro Pedra D água (fig.3). O Sr. Paixão relatou que participa dos Reis há mais de dez anos e que brinca no jongo há mais de 20 anos. Sua experiência como folclorista de Reis iniciou-se aos 20 anos, no grupo de Getúlio Vargas (Comunidade São Miguel), posteriormente nos grupos de Sebastião Vicente e Domingos Machados. Para ele a importância dos reis “está no sangue”, tem um sentido religioso e é uma tradição trazida desde a infância.



FIGURA 3

Tanto o Sr. Mateus como o Sr. Paixão rememoram que tudo começou quando ainda eram garotos, há muitos anos atrás. Sr. Mateus relatou que na infância tinha medo dos bichos que apareciam nas festividades, mas seus pais sempre chamavam os reis para festejar. De acordo com o Sr. Mateus “tudo isso vem da infância” e eles com suas apresentações não estão deixando acabar a tradição acabar. O Sr. Mateus mencionou que dança no grupo de Reis há 20 anos e que começou a brincar aos 40 anos de idade. Ele sempre brincou no mesmo grupo, nos Reis dos Laudêncios. Ao comentar sobre as festividades folclóricas declara: “eu gosto, eu

adoro o jongo, eu também gosto de bater o tambor, participar”. Quanto a produção de chapéus e roupas menciona:

Geralmente eu compro um chapéu e peço a uma vizinha devota dos santos para forrar o chapéu, a partir do chapéu forrado eu enfeito, costuro as flores e depois por último coloco as fitas e a faixa. A faixa tem o significado de acompanhar os Reis, todos os reis usam a faixa. Esse ano faltou a faixa colorida porque alguns marujos saíram e levaram. Então não foi possível usar colorida. (Relato do Sr. Mateus – grupo de Reis dos Laudêncios – jan. 2011).

Portanto nesses diferentes relatos construímos imagens dos reis considerando o que os eles dizem sobre eles mesmos. Diante de diferentes conversas e imagens, muitas informações e subjetividades se misturavam, provocando “um contínuo vaivém entre o interior e o exterior dos acontecimentos” (CLIFFORD, 2002). Isto ocorreu na medida em que registramos e ao mesmo tempo selecionamos elementos a partir de nosso olhar, do que os folcloristas falavam e posteriormente empregamos estes relatos em análises mais amplas. Sobre este aspecto, de acordo com James (2002, p.33), podemos considerar o trabalho de campo como um método sensível que proporciona uma observação participante, sendo tanto uma participação física: com a própria experiência de estar no local em que se situa o objeto de estudo, quanto uma participação que é intelectual: na qual vamos documentando e interpretando diferentes documentos.

Essa experiência é algo real e ao mesmo tempo “intersubjetiva”, ou seja, realizada a partir de uma interação com outros sujeitos que atuam coletivamente, por isso delimitada por certa “autoridade etnográfica”. Nesse sentido, a escrita etnográfica encontra-se imersa na escrita, como uma forma de tradução de experiências vivenciadas para a forma textual conferindo certa “autoridade” para o autor. Assim, mesmo transcrevendo as falas dos folcloristas revelamos uma escolha particular das falas, enquanto pesquisadores com a finalidade de atender nossas próprias indagações.

Quais são os grupos de Reis de Boi?

A cultura imaterial mateense é marcada pela presença de diferentes grupos folclóricos com diferentes períodos de existência. A constituição desses grupos é bastante heterogênea e marcada pela mobilidade dos folcloristas nos diferentes grupos (tabela 1).

Reis de Boi de José Bernardo	Mestre José Bernardo Sobrinho
Reis de Boi dos Laudêncios	Mestre Luiz dos Santos
Reis de Boi de Valentim	Mestre Louzival Passos de Souza
Reis de Boi de Ailton de Luzia	Mestre Ailton
Reis de Boi de Barreiras	Mestre Benedito Gomes dos Santos
Reis de Boi de Paixão	Mestre Paixão Bispo Correia
Reis de Boi Antônio Galdino	Mestre Antônio Galdino
Reis de Boi de Juca e Mateus Nascimento	Mestre Mateus Nascimento
Reis de Boi de Maria Justina	Mestre Maria Justina da Conceição
Reis de Boi dos Machados	Mestre Domingos Machados
Reis de Boi de Juca	Mestre Ográcio do Nascimento
Reis de Boi Mirim Projeto Araçá	Mestre Wesley da Conceição Gomes
Reis de boi Mirim Pedra D água	Mestre Eni Bento Ferreira

Tabela 1: Grupos de Reis de Boi em São Mateus

Essa variedade de Reis de Boi pode ser identificada pelas imagens abaixo, registradas durante as festividades do ano de 2011 (fig. 4).



FIGURA 4

As imagens foram produzidas durante a tradicional festividade realizada no bairro Pedra D'água, local onde acontece anualmente o encontro dos Grupos de Reis de Boi. A festividade é marcada por uma procissão até o leito do rio, uma missa católica e posteriormente os folcloristas fazem as suas apresentações para o público. Cada grupo possui entre 20 e 30 integrantes, os quais têm funções diferenciadas: o boi, a Catirina, doutor, o vaqueiro, os marujos e os tocadores das marchinhas.

As apresentações seguem uma seqüência pré-defina e quase similar em todos os grupos com uma Marcha de Entrada; Descante (ritmo marcado pelo pandeiro), Marcha de Ombro; Baiá; Marcha de roda; Marcha do vaqueiro; Marcha de Boi; Marcha de Chamada dos Bichos e Canto de Retirada ⁶.

⁶ Atlas do Folclore Capixaba. Op. cit, p.172.



FIGURA 5

No conjunto de imagens do grupo Reis Boi dos Laudêncios identificamos momentos e passagens da seqüência de encenações dos folcloristas (fig. 5). Os reis cantam e fazem coreografias, em um momento seguinte acontece a entrada do vaqueiro, a negociação com o dono ou um representante do local onde o grupo apresenta, a entrada dos bichos (momento de maior interação com o público), a venda da bicharada, brincadeira entre os bichos e o público, a entrada da Catirina e a dança com o público e as marchas de encerramento.

Na festa muitas cores, movimentos, sonoridades, gestualidades estão presentes. Evidencia-se uma relação entre o sagrado e o profano, religiosidade e festividade, fé e divertimento com o encontro coletivo de diferentes grupos culturais: turistas, pessoas da cidade, do campo, do bairro Pedra D'água, de municípios vizinhos, representantes políticos, entre outros. No encontro de religiosidade e cultura existe uma busca pelo lazer, pelo divertimento, como dizem os folcloristas, “nós brincamos os reis”. Da mesma forma em que se homenageiam os Reis Magos, evidenciamos uma necessidade social em realizar a festividade, como pontua Birou (1996, p.166): “a festa é uma necessidade social em que se opera uma superação das condições normais de vida”. Por isso, elas se repetem constantemente em nossa vida social, sendo: “um acontecimento que se espera, criando-se assim uma tensão coletiva agradável, na esperança de momentos excepcionais” (Ibidem).

Sendo assim, uma peculiaridade das festas refere-se ao seu caráter coletivo, o qual requer uma ação conjunta de diferentes integrantes e papéis sociais. Em alguns momentos evidenciamos a atuação das mulheres, mas existe uma predominância da participação dos homens. De maneira geral as mulheres colaboram com a confecção de chapéus, feitiço das roupas e arrumação dos demais acessórios das vestimentas.

As festas preservam a identidade cultural de um povo, revelam a cultura regional, crenças, memória de grupos étnicos e a história cultural de nosso país. Conforme cita Abreu (1999) “através das festas, pode-se conhecer melhor a coletividade e a época em que

aconteceram”, ou seja, as festividades também marcam a história de um grupo, em tempos e espaços definidos.

Um olhar sobre os objetos utilizados pelos festeiros pode revelar toda plasticidade, bem como elementos estéticos e expressivos que produzem seus significados. Esses elementos caracterizam e possibilitam a simbolização dos Reis de Boi e ajudam a conservar a tradição festiva como veremos a seguir.

Análise dos instrumentos e indumentárias

Para realizar uma análise que abrangesse o conjunto de grupos de Reis de Boi em sua totalidade, adotamos como “fio condutor” a realização de uma tradução dos diferentes eixos presentes em suas encenações: plástico, icônico e lingüístico, especificamente no que se refere a suas recorrências⁷. Para tanto resgatamos os significantes plásticos, figurações e simultaneamente agrupamos tipologias, convergências e divergências e possíveis relações entre os grupos de Reis de Boi.

Para Joly ⁸, em uma análise visual é necessário identificar para quem os registros visuais foram produzidos, o contexto de sua produção e também conhecer as funções da imagem. Nesse estudo as imagens foram registradas com a intenção de criar um inventário e documentação dos grupos de Reis de Boi existentes na cidade de São Mateus. Privilegiamos a realização do registro *in loco*, e captar diferentes momentos das festividades dos Reis, durante as apresentações realizadas no ano de 2010 e 2011. Dessa maneira nossas imagens possuem uma função estética e documental, o que demonstra sua fundamental importância para a compreensão dos Reis de Boi.

Através do trabalho de campo e coleta de imagens aproximamos-nos dos fenômenos estéticos e sociais relacionados a uma coletividade, como designa Mauss: “los fenómenos estéticos constituyen una de las partes más importantes de la atividade humana social, y no simplemente del individuo” ⁹. Os fenômenos estéticos oferecem uma compreensão da cultura

⁷ Escolhemos estes eixos para a interpretação das pinturas, no entanto Mauss comenta que “*puede haber diferentes maneras de clasificar los objetos – Según la técnica, según a matéria,... según la matéria*”. MAUSS, Marcel. **Manual de etnografia**. Lisboa: Editorial Pórtico, 1967, p.185. (Traduzido como: “podem existir diferentes maneiras de se classificar os objetos - de acordo com a técnica, de acordo com o material,... por assunto”). Na mesma direção Levi-Strauss apresenta que os eixos classificatórios podem variar segundo as culturas e que “*o princípio de uma classificação nunca se postula, somente a pesquisa etnográfica, ou seja, a experiência pode apreendê-lo a posteriores*”. Maiores detalhes conferir em LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989, p.75.

⁸JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 1996, p.32.

⁹ MAUSS, op. cit., p.147. (Traduzido por mim como: “*os fenômenos estéticos são uma das partes mais importantes da atividade social humana e não simplesmente do indivíduo*”).

material e conjuga com um reconhecimento dos significados presentes nas festividades, sendo também um “*refazer dos objetos*” localizado no entendimento de técnicas, processualidades e artefatos presentificados na totalidade da organização social do grupo de Reis de Boi.

O Guia prático de antropologia ¹⁰ expressa essa idéia relatando que “um tecido acabado não consiste simplesmente no produto saído do tear”, mas sim em uma seqüência completa que envolve a “apanha do algodão”, “tosquia das ovelhas”, “processo destinado a obter a fibra”, “lavagem”, “cardaço”, ou seja, todas as etapas de fabricação. Portanto no mesmo sentido, a partir de imagens dos Reis de Boi podemos reconstruir esses fenômenos processuais que permeiam a produção das roupas, chapéus, marchinhas e o próprio ciclo de festividades a cada ano, dependente de todas as etapas.

A presença de roupas coloridas, chapéus, instrumentos musicais caracterizam a parte material, sonora e visual da festa. Tudo é produzido artesanalmente, com a criatividade dos Reis e apoio da comunidade. Na compreensão da produção coletiva de um grupo, podemos entender que nos processos artesanais, o status do artesão opera na capacidade de cada indivíduo que “conhece e realiza as atividades características em sua comunidade” ¹¹, de forma semelhante pensamos sobre as atividades dos Reis, no contexto de suas produções plásticas e no olhar sobre cada objeto finalizado: chapéus, instrumentos, marchinhas e roupas. Consideramos que, boa parte do potencial simbólico destes objetos artísticos reside na sua capacidade de significar, de descrever processos de criação, de armazenar o emprego de técnicas, recursos estéticos e leituras do mundo.

Uma análise estrutural é muito importante para a descrição de diferentes objetos presentes na visualidade da festa, cada cor, cada forma, cada roupa pode ser tomada como um signo e um viés de comunicação do grupo de Reis com a comunidade. Esse significado pode ser compreendido nas palavras de Eco ¹² ao considerar que semiologia estuda os fenômenos culturais como “*sistemas de signos*”, e encontra-se atrelada à ciência antropológica, na capacidade significativa e simbólica da imagem, nas possibilidades de interpretar e de ver da comunidade, bem como de suas competências cognitivas e sensíveis.

¹⁰ ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE OF GREAT BRITAIN AND IRELAND. **Guia prático de antropologia da Grã-Bretanha e da Irlanda**. São Paulo: Cultrix, 1971. O guia oferece um roteiro de observação para o trabalho de campo com orientações que aplicamos tanto nas pesquisas realizadas em São Mateus, como na análise das representações dos Reis de Boi. Passagens destacam procedimentos: “*deve-se fazer uma coleção representativa*”; “*tirem-se fotografias, tomem-se impressões*”; “*o principal interesse do observador de campo reside nos objetos e nos achados que representam o estilo de vida e as maneiras pelas quais satisfazem as necessidades*”.

¹¹ Ibidem, p.281.

¹² ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1987, p.3. Ainda de acordo com o autor “*a semiologia dedica-se a reconhecer os processos de decodificação pelos quais determinados significantes correspondem a determinados significados*”. Ibidem, p.43.

O contexto cultural de cada integrante do grupo e da comunidade confere uma multiplicidade de interpretações, que se entrelaçam com as diferentes “visões de mundo” ocasionando condições variáveis no reconhecimento dos sentidos indicados pelos componentes plásticos e expressivos. Aqui, relacionamos as festividades e a estética dos objetos utilizados pelos Reis de Boi a uma teoria da arte, a qual é ao mesmo tempo uma teoria da cultura e, portanto dependente de uma semiótica da arte que permita descobrir como “os sinais” se manifestam dentro da própria cultura que os produziu, em suas formas simbólicas e nos produtos da experiência coletiva ¹³.

É relevante destacar que a amplitude de simbologias e experiências vivenciadas em campo, nos coloca diante da impossibilidade de interpretar ¹⁴ tantos sentidos, por isso de forma imediata ao desvendarmos elementos visuais definimos propósitos, leis próprias de organização e descobertas específicas que conferem certa temporalidade nesta análise. Sobre este aspecto Joly (1996) acentua que as interpretações das mensagens visuais apresentam-se subordinadas a um “condicionamento” não apenas relacionadas a sua história, mas também pelas interrogações específicas que levantam ¹⁵. No nosso caso, realizamos inicialmente um levantamento dos diferentes grupos folclóricos, quais os tipos de instrumentos, personagens, roupas, e cores.

Os instrumentos

Entre o conjunto de instrumentos musicais encontramos: sanfona, violão, pandeiros e chocalhos (fig. 6). A musicalidade é ainda complementada pela cantoria dos reis e canto das machinhas.

¹³ GEERTZ, Clifford. A arte como sistema cultural, op. cit., p.165.

¹⁴ Todo processo de interpretação remete a um “excesso de sentido, sob condição, entretanto de se entender por excesso a abertura do sistema das leituras em que o sentido é estimulado em sua pluralidade”. Marin analisa as diferentes leituras sobre o quadro de Poussin e como as variantes descritivas modificam a rede significativa do quadro. MARIN, Louis. A descrição da imagem: a propósito de uma paisagem de Poussin. In: **A análise das imagens**. Petrópolis: Vozes, 1974.

¹⁵ JOLY, Martine. **A imagem e sua interpretação**, op. cit., p. 262.



FIGURA 6

Os personagens

Na categoria dos personagens destacamos os Reis, o violeiro, o sanfoneiro, o vaqueiro e a bicharada. Os reis e os músicos estão presentes em todos os momentos das apresentações. Demais personagens como o vaqueiro, a Catirina, os bichos participam de momentos específicos.



FIGURA 7

Durante a apresentação, no diálogo do vaqueiro encontramos em sua narrativa descrições específicas que revelam valores morais e aspectos de nossa cultura:

Eu estava lá na rua e escutei a batucada. Quando bati naquela porta[...]. Isso acontece comigo em quase todo lugar. Esse bigode macio, toda mulher quer pegar, quando eu passo em meu cavalo a rodopiar. Mandaram me chamar é por isso que eu estou aqui... em qualquer parada dura sou capaz de resistir. Eu sai de uma montanha avistei uma pedreira, entrei na escuridão, eu vi a coisa preta de inovação. Sou filho de cabra macho, sou neto do Sr. João e esta escrito no registro de cartório sertão... e já se fala muito não ter medo de quem late demais, é cão. As mulheres que namoram só namoram de paixão. Eu já namorei mineira, bahiana, gaúcha, mineira de montão... As bahianas são de rei e quem adora põe na mão. De bahiana namorei depois de idade, mas ainda foi bom. Já namorei gatinha na chegada do japão mas foi mineiro hoje que roubou o meu coração. Toda mulher solteira é um beijo, mulher casada aperto demão. Quem mexe com mulher casada tem que morrer porque o respeito é muito bom. (Narrativa do vaqueiro do grupo dos reis dos Laudêncios feita

durante apresentação na casa do Sr. Sebastião, no bairro Ideal, no dia 09 de janeiro de 2011).

Em algumas expressões como “sou filho de cabra macho”, “mulheres só namoram de paixão”, “em qualquer parada dura sou capaz de resistir”, “quem mexe com mulher casada tem que morrer”, entre outros, encontramos discursos populares muito presentes na vida cotidiana. Aqui aproximamos a expressividade festiva e a vida coletiva, de forma que uma se manifesta na outra.

Essa narrativa popular combina-se com o intenso colorido das roupas, com a musicalidade, com alegria dos bichos sendo um acontecimento visual, teatral e sonoro. A presença desses elementos durante as encenações fazem com que o público participe e se identifique com a festa.

Cada personagem é caracterizado pelo o uso de objetos e indumentárias específicas. Assim como nas encenações teatrais, as festividades dos Reis de Boi solicitam indumentárias que se diferenciam de vestes comuns, de uso cotidiano. As roupas utilizadas pelos Reis são conhecidas como ternos e apresentam variações cromáticas de um grupo para outro, o que os caracteriza e diferencia (fig. 8).



FIGURA 8

As peças de roupas recorrentes entre os grupos de Reis são: uma camisa branca e chapéus. No conjunto de roupas utilizadas pelos Reis de Boi identificamos diferenciações nas cores dos coletes, fitas e calças. Esses elementos são organizados com novos arranjos em cada grupo e caracterizam de forma específica a visualidade das festividades dos Reis, sendo elementos imprescindíveis para a estética das festas.

De maneira geral, nossas descrições encontram-se atreladas a um saber cultural e solicitam comparações e associações localizadas em pontos intermediários entre arte e vida coletiva dos grupos de Reis de Boi, mas sem com isso dar conta da variabilidade de sentidos obtidos em cada apresentação realizada na cidade. A tradição dos grupos é de longa data e muitos cidadãos mateenses deixaram suas contribuições possibilitando que os folcloristas sejam caracterizados como são na atualidade.

Ao destacar a importância dos Reis de Boi para o patrimônio cultural, valorizamos os discursos elaborados a partir da “autoridade da nação”¹⁶. Segundo Gonçalves (1996) artistas e intelectuais tornam-se “guardiões da cultura local” ou até mesmo “mediadores simbólicos” na medida em que preservam, resgatam e difundem a cultura nacional. Esta característica está presente nas representações materiais e imateriais das festividades dos Reis de Boi. Encontramos nos Reis de Boi um sentido de mediação cultural, uma vez que cada Rei pode ser considerado como um “guardião da memória”, capaz de contribuir intensamente com a produção, difusão da cultura regional capixaba, documentação festiva e histórica cultural de São Mateus.

Destacamos a necessidade de uma política de valorização e incentivo a essas manifestações da cultura material e imaterial para que o patrimônio cultural seja preservado. Esse objeto de estudo apresenta ainda amplas possibilidades de análise, coleta de dados e, portanto guarda inúmeras possibilidades para o desenvolvimento de pesquisas futuras. Esperamos estar com esta pesquisa ajudando a escrever mais um capítulo da história de São Mateus e cultura capixaba.

Referências

- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- Atlas do folclore capixaba**. Vitória: SECULT/SEBRAE, 2009.
- BARROS, Carla; ROCHA, Everaldo. Cultura, mercado e bens simbólicos: notas para uma interpretação antropológica do consumo. In: TRAVANCAS, Isabel; FARIAS Patrícia (Org.). **Antropologia e comunicação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- BECKER, Howard. De que lado estamos? In: **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. **Cultura como tradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

¹⁶ Sobre *estórias e alegorias* consultar: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

- BRACHT, Valter. **Emancipação e diferença na educação: uma leitura com Bauman**. Campinas: Autores Associados, 2006.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
- _____. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- _____. **Testemunha Ocular**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
- CANDIDO, Antonio de Mello Souza. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2000.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- JOLY, Martine. **A imagem e sua interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- _____. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- MARCONI, Marina de Andrade. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2005.
- MAUSS, Marcel. Estética. In: **Manual de etnografia**. Lisboa: Editorial Pórtico, 1967.
- MEGALE, Nilza Botelho. **Folclore brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na antropologia. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 107-113.
- PASSOS, Mauro (Org.). **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE OF GREAT BRITAIN AND IRELAND. **Guia prático de antropologia da Grã-Bretanha e da Irlanda**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica de Bronislaw Malinowski e a fotografia. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 1, n.2, p.23-60, jul/set 1995.